

O PAPEL DA ENFERMAGEM NA AMAMENTAÇÃO PARA MÃES ADOTANTES

THE NURSE'S ROLE IN BREASTFEEDING FOR ADOPTIVE MOTHERS

¹RODRIGUES, Camila Laurindo Polastri; ² MILLANI, Helena de Fátima Bernardes

^{1e2}Curso de Enfermagem - Centro Universitário das Faculdades
Integradas de Ourinhos-Unifio/FEMM

RESUMO

O papel da enfermagem no apoio à amamentação para mães adotantes é essencial, envolvendo suporte técnico, emocional e educativo. O objetivo deste estudo foi compreender como a enfermagem pode atuar na indução da lactação e no fortalecimento do vínculo afetivo entre mãe e bebê adotivo, contribuindo para uma experiência de amamentação bem-sucedida. A metodologia adotada consistiu em uma revisão integrativa da literatura, de caráter exploratório e descritivo, realizada nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, com recorte temporal de 2004 a 2024 e utilização dos descritores "Amamentação", "Mães Adotantes", "Cuidados de Enfermagem" e "Assistência Materno-Infantil". Os resultados apontaram que o enfermeiro atua como facilitador na indução da lactação, orientando sobre estimulação mamária, uso de bombas extratoras e, quando necessário, galactagogos, além de oferecer suporte emocional, ajudando a mãe a lidar com expectativas e desafios, fortalecendo sua confiança. A enfermagem também promove o vínculo afetivo entre mãe e bebê, incentiva o contato pele a pele e estimula a participação familiar. Conclui-se que o acompanhamento contínuo do enfermeiro é fundamental para monitorar a produção de leite e o bem-estar da díade mãe-bebê. Assim, a atuação da enfermagem reforça a importância de um atendimento humanizado, baseado em evidências e nas necessidades individuais de cada mãe, contribuindo para a promoção da saúde e da conexão afetiva no contexto da amamentação adotiva.

Palavras-chave: amamentação; mães adotantes; cuidados de enfermagem; assistência materno-infantil.

ABSTRACT

The role of nursing in supporting breastfeeding for adoptive mothers is essential, involving technical, emotional, and educational support. **This study aimed** to understand how nursing can contribute to inducing lactation and strengthening the emotional bond between adoptive mothers and their babies, promoting a successful breastfeeding experience. **The methodology** consisted of an integrative literature review with an exploratory and descriptive approach, conducted in the Scielo and Google Scholar databases, covering the period from 2004 to 2024 and using the descriptors "Breastfeeding," "Adoptive Mothers," "Nursing Care," and "Maternal and Child Assistance." **The results showed** that nurses act as facilitators in lactation induction by providing guidance on breast stimulation, use of breast pumps, and, when necessary, galactagogues. They also offer emotional support, helping mothers manage expectations and challenges, thereby strengthening their confidence. Nursing promotes the emotional bond between mother and baby, encourages skin-to-skin contact, and fosters family participation. It is concluded that continuous nursing follow-up is essential to monitor milk production and the well-being of both mother and baby. Thus, nursing practice reinforces the importance of humanized care, based on evidence and individual needs, contributing to health promotion and emotional connection in the context of adoptive breastfeeding.

Keywords: breastfeeding; adoptive mothers; nursing care; maternal and child health care.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a amamentação por mulheres com filhos adotivos. O interesse surgiu a partir do conhecimento de técnicas como a relactação, cujo objetivo é recuperar a produção de leite, também utilizada por mães adotivas. Assim, despertou-se a curiosidade de investigar a experiência dessas mulheres e o fortalecimento do vínculo afetivo proporcionado por essa prática (Lage *et al.*, 2014;

Brasil, 2009).

É amplamente reconhecida a superioridade do leite materno em relação às fórmulas infantis. Entre os benefícios, destacam-se a prevenção de mortes por diarreia e infecções respiratórias, menor risco de alergias, obesidade, hipertensão, colesterol alto e diabetes. Há ainda proteção contra o câncer de mama e promoção do vínculo entre mãe e filho, especialmente relevante no caso da adoção (Lage *et al.*, 2014; Brasil, 2009).

O leite materno é um alimento completo e atua como verdadeira vacina. Até os seis meses, dispensa chás, água, sucos ou outros leites, por ser rico em anticorpos. O ato de sugar auxilia no desenvolvimento da face, fala e respiração da criança (Dias *et al.*, 2024; Brasil, 2015).

A amamentação também gera vantagens financeiras, reduzindo custos com fórmulas e tratamentos de doenças mais comuns em crianças não amamentadas, além de diminuir atendimentos médicos e hospitalizações (Dias *et al.*, 2024; Brasil, 2015).

Além de benefícios à saúde, promove contato íntimo e profundo entre mãe e bebê, melhorando a qualidade de vida familiar. Essa prática gera benefícios psicológicos, como segurança, proteção e realização para a mulher (Dias *et al.*, 2024; Brasil, 2015).

Os laços afetivos criados podem superar vínculos consanguíneos, ajudando pais adotivos a se sentirem mais confiantes e reduzindo receios quanto ao futuro desejo da criança de conhecer sua família biológica. Também facilita a revelação de sua história de forma natural e amorosa (Dias *et al.*, 2024; Lage *et al.*, 2014). Assim, amamentar é mais do que nutrir: é gesto de amor e de construção de vínculo profundo e especial, mesmo sem laços biológicos (Lage *et al.*, 2014).

Compreender essa experiência permitirá que profissionais de saúde, sobretudo enfermeiros, identifiquem desafios e estratégias de superação, oferecendo apoio a outras mulheres e fortalecendo vínculos entre mãe e bebê adotado (Lage *et al.*, 2014). É fundamental que a amamentação seja acompanhada por enfermeiros, capazes de identificar diagnósticos de enfermagem e estabelecer intervenções para prevenir intercorrências como pega incorreta e fissuras nos mamilos (Dias *et al.*, 2024).

METODOLOGIA

Este estudo adotou o método de revisão integrativa da literatura com abordagem de caráter exploratório e descritivo, realizado nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico. O uso da revisão integrativa neste contexto proporciona uma ampla busca e análise sobre o tema no Brasil e no mundo.

Foram estabelecidos para a busca os seguintes descritores em ciência da saúde (DeCS): Amamentação, Mães Adotantes, Cuidados de enfermagem, Assistência Materno-Infantil. As estratégias de busca estabelecidas foram baseadas em suas combinações na língua portuguesa com os operadores booleanos AND e OR. O recorte temporal estabelecido foi dos últimos 20 anos (2004 a 2024).

Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos disponíveis na íntegra, que estivessem na língua portuguesa e que retratassem a temática definida. Como critérios de exclusão eliminou-se as publicações que não atenderam os critérios estabelecidos na metodologia e que fossem repetido.

DESENVOLVIMENTO

A maternidade é um processo complexo que envolve planejamento familiar, gestação, pós-parto e criação dos filhos, transformando a vida e a identidade da mulher. Mais que um fato biológico, é um ato de cuidado, amor e dedicação (Correia, 1998). Tornar-se mãe é uma experiência singular, mas compartilhada, pois todas enfrentam desafios e alegrias semelhantes, influenciadas por fatores históricos, culturais, sociais e econômicos (Casarotto, 2021). Ao longo da história, a maternidade assumiu diferentes significados. No período feudal, sob influência da Igreja e da Coroa, a mulher era vista como ser inferior, destinada a gerar filhos e obedecer ao marido (Badinter, 1985). A maternidade era obrigação, mas não necessariamente associada ao cuidado; crianças eram comumente alimentadas por amas de leite, que dividiam seu tempo entre vários bebês e o trabalho no campo, enquanto mulheres aristocratas evitavam a amamentação, considerada indigna de sua posição social (Badinter, 1985; Casarotto, 2021). No século XVIII surge o conceito de “amor materno”, ligado ao discurso econômico, filosófico e à noção de felicidade, quando mães passaram a ser responsabilizadas pela sobrevivência e cuidado das crianças, consideradas futuras forças de trabalho, reforçando sua importância social, mas ainda em condição de inferioridade (Badinter, 1985; Casarotto, 2021). A partir daí, os casamentos passaram a valorizar o amor, e os filhos se tornaram expressão dos afetos familiares. A maternidade consolidou-se como refúgio emocional da família,

atribuindo à mulher o papel direto de cuidar dos filhos e indiretamente de contribuir para o desenvolvimento da nação (Badinter, 1985; Moura; Araújo, 2004; Walsh, 2016).

Durante a Primeira Guerra Mundial, a maternidade ganhou status de dever patriótico, pois cabia às mulheres gerar crianças saudáveis para o futuro da nação. Com os homens na guerra, elas assumiram novos espaços sociais, ampliando seu papel além do cuidado doméstico (Gradwohl, 2014). O acesso gradual à educação e ao trabalho formal marcou maior independência, servindo de base ao movimento feminista dos anos 1960 (Scavone, 2001). O desenvolvimento de métodos contraceptivos e as discussões sobre aborto, cesariana e tecnologias reprodutivas a partir da década de 1990 transformaram a maternidade em escolha planejada, rompendo com o determinismo biológico e separando sexualidade de reprodução, permitindo inclusive vivenciar a maternidade sem gestação, como na adoção (Narvaz; Koller, 2006; Scavone, 2001; Vanalli, 2012; Walsh, 2016).

A adoção, nesse contexto, é compreendida como construção de um laço afetivo, jurídico, social e emocional, distinto da filiação biológica, e constitui forma de acolhimento permanente a crianças cujos pais biológicos não podem ou não desejam cuidar. Garante-lhes um lar estável, baseado em afeto e amor, fundamentais ao desenvolvimento (Freire, 1994; Gondim *et al.*, 2008). Os motivos que levam à adoção são variados: infertilidade, perda de um filho, idade avançada, ideais filantrópicos, encantamento por determinada criança, entre outros (Levinzon, 2004). Pode também ocorrer entre familiares que assumem a criação de uma criança sem condições adequadas de cuidado por parte dos pais biológicos, ou por pessoas solteiras que desejam ser pais sem passar pela gestação (Gondim *et al.*, 2008). O principal motivo, porém, é o desejo de ter filhos (Costa; Campos, 2003). A palavra “adotar”, do latim *adoptare*, significa escolher, acolher e unir-se. No Brasil, o Código Civil e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) regulam o processo, transferindo direitos e deveres parentais aos adotantes. A Lei Federal n.º 10.421/2002 garantiu às mães adotivas os mesmos direitos das biológicas, como licença e salário-maternidade, incluindo o direito de amamentar. Em 2008, foi criado o Cadastro Nacional de Adoção (CNA), reunindo dados sobre crianças disponíveis e famílias habilitadas (Dias *et al.*, 2024; BRASIL, 2007; Nunes *et al.*, 2021).

A amamentação, nesse cenário, torna-se possibilidade e desejo de muitas mães adotivas. O leite materno é amplamente reconhecido como superior às fórmulas, prevenindo mortes infantis por diarreia e infecções, reduzindo riscos de alergias, obesidade, hipertensão, colesterol alto e diabetes, além de proteger contra

câncer de mama e promover vínculo afetivo mãe-bebê (Lage *et al.*, 2014; Brasil, 2009). Até os seis meses, o bebê não precisa de outro alimento, pois o leite é rico em anticorpos e contribui para o desenvolvimento facial, da fala e da respiração (Dias *et al.*, 2024; BRASIL, 2015). A amamentação também reduz custos familiares com fórmulas e tratamentos de saúde, já que crianças não amamentadas adoecem mais. Além dos aspectos físicos e financeiros, proporciona intimidade, segurança e realização para a mulher, fortalecendo laços afetivos que podem superar os biológicos, tornando a revelação da adoção mais natural e amorosa (Lage *et al.*, 2014; Dias *et al.*, 2024).

A indução da lactação (IL) permite que mulheres que não passaram pela gestação produzam leite. Baseia-se na estimulação da região aréolo-mamilar, feita manualmente ou com bombas, a cada duas ou três horas, imitando mamadas (Fernandes *et al.*, 2021). Outra técnica é a relactação, em que o bebê suga o seio auxiliado por sonda, estimulando prolactina e produção láctea. Fitoterápicos como o Fenacho (*Trigonella foenum-graecum*) e o Cardo Abençoado (*Cnicus benedictus*) também são usados como galactagogos naturais (Bryant, 2006; Dias *et al.*, 2024). Para mães adotivas, hormônios como progesterona e estrogênio podem ser usados inicialmente para preparar as mamas, devendo ser suspensos antes da amamentação. A prolactina regula a produção de leite e a ocitocina, a ejeção, sendo liberadas pelo estímulo da sucção, mas também influenciadas por fatores emocionais e ambientais. Estresse e insegurança podem bloquear o reflexo de ejeção, mostrando a importância de apoio e tranquilidade (Dias *et al.*, 2024; Bryant, 2006). Entre os galactagogos farmacológicos, destacam-se a metoclopramida, domperidona e sulpirida, antagonistas dopaminérgicos que aumentam os níveis de prolactina (Chaves *et al.*, 2008). A metoclopramida é a mais estudada, usada desde a década de 1970. A domperidona mostrou aumento de até 45% na produção diária em estudos controlados, e a sulpirida, embora menos documentada, também demonstrou potencial em casos de baixa produção.

Nesse processo, a enfermagem desempenha papel fundamental. O enfermeiro é o profissional que mais interage com mãe e bebê, podendo oferecer suporte técnico, emocional e educativo. Entre suas funções estão orientar sobre técnicas de ordenha e relactação, uso de bombas extratoras, cuidados para evitar fissuras e ingurgitamento, além de fornecer materiais educativos e incentivar a participação da família como rede de apoio (Fernandes *et al.*, 2021). Para atuar de forma eficaz, é necessário compreender não apenas os benefícios nutricionais e imunológicos do leite, mas também os aspectos psicológicos da amamentação

adotiva. Ao estabelecer uma relação de confiança, o enfermeiro fortalece a autoestima materna, ajuda a enfrentar ansiedades e promove segurança. Além disso, sua atuação é crucial para combater preconceitos e desinformação, mostrando que a amamentação adotiva é viável e benéfica (Lage *et al.*, 2014; Nora; Diaz, 2024). A capacitação profissional é essencial, pois muitas vezes falta conhecimento específico sobre indução da lactação e relactação. Bancos de Leite Humano (BLH) também desempenham papel estratégico, oferecendo acompanhamento e orientação personalizada (Nunes *et al.*, 2021).

Estudos recentes reforçam essa perspectiva. Nunes *et al.* (2021) destacam os desafios da falta de capacitação e de divulgação da amamentação adotiva, apontando a enfermagem como peça-chave para viabilizar a prática. Casarotto (2021) mostra que, enquanto mães biológicas relatam questões corporais e dificuldades de amamentação, mães adotivas enfatizam o desgaste emocional da espera, mas em ambas a rede de apoio é essencial. Nora e Diaz (2024) reforçam que enfermeiros devem atuar como educadores e facilitadores, desmistificando crenças e promovendo práticas adequadas, alinhados a políticas públicas como a Iniciativa Hospital Amigo da Criança e BLH. Já Dias *et al.* (2024) propõem protocolo baseado em seis métodos — rede de apoio, estímulo mamário relactação, fitoterápicos, hormônios e fármacos —, com abordagem holística que integra técnica, emoção e educação da família.

Assim, o papel da enfermagem na amamentação adotiva é multifacetado, abrangendo estímulo à lactação, apoio psicológico, fortalecimento de vínculos e educação da mãe e da família. Ao unir cuidado humanizado e conhecimento científico, o enfermeiro possibilita que a experiência de amamentar um filho adotivo vá além da nutrição, tornando-se gesto de amor, conexão e inclusão social. A amamentação adotiva, quando apoiada de forma sensível e técnica, beneficia a saúde da criança, fortalece a autoestima da mãe e consolida os laços familiares, revelando-se prática transformadora tanto para a família quanto para a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da enfermagem no apoio à amamentação, especialmente para mães adotantes, vai além do suporte técnico, abrangendo aspectos emocionais, educativos e de fortalecimento do vínculo afetivo. Cabe ao enfermeiro orientar sobre indução da lactação, uso de galactagogos e práticas de amamentação, sempre com base em evidências científicas, além de oferecer apoio emocional para que as mães se sintam seguras e confiantes.

A amamentação adotiva exige paciência, dedicação e acompanhamento contínuo. Ao atuar de forma integral, o enfermeiro promove a saúde física da mãe e do bebê, fortalece o vínculo afetivo e estimula a participação da família e da rede de apoio, dentro de uma abordagem humanizada e individualizada.

É essencial que os profissionais de enfermagem estejam capacitados sobre práticas de amamentação adotiva, garantindo atendimento de qualidade e multidisciplinar. Assim, a amamentação adotiva beneficia a saúde da criança e fortalece os laços familiares, evidenciando o papel da enfermagem como pilar para a promoção da saúde e da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. **Cartilha - Adoção de crianças e adolescentes do Brasil**. Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), mar. 2007. Disponível em: <https://www.mprs.mp.br/media/areas/infancia/arquivos/adocaopassoapasso.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br>. Acesso em: 13 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br>. Acesso em: 13 out. 2024.

BRYANT, C. A. Nursing the adopted infant. **The Journal of the American Board of Family Medicine**, v. 19, n. 4, p. 374-379, jul. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.3122/jabfm.19.4.374>. Acesso em: 12 jan. 2025.

CASAROTTO, M. A experiência do “tornar-se mãe” em mães biológicas e em mães adotivas. **Universidade Federal de São Carlos – UFSCar**, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 1-67, jun. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14367?show=full>. Acesso em: 5 jan. 2025.

CHAVES, R. G. *et al.* Uso de galactagogos na prática clínica para o manejo do aleitamento materno. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 18, n. 4, p. 146-153, jun. 2008. Disponível em: <https://www.rmmg.org/exportar-pdf/1413/v18n4s1a21.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

COFEN. **Cuidado e apoio às mulheres fortalecem a amamentação**. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/cuidado-e-apoio-as-mulheres-fortalecem-a-amamentacao/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

COSTA, L. F.; CAMPOS, N. M. V. A avaliação psicossocial no contexto da adoção: vivências das famílias adotantes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, n. 3, p. 221-

230, dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722003000300004>. Acesso em: 26 jan. 2025.

DIAS, B. V. B. *et al.* Protocolo para manejo da amamentação para mães adotantes. **Revista Multidisciplinar da Saúde (RMS)**, v. 6, n. 1, p. 58-66, jun. 2024. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaMultiSaude/article/view/2151>. Acesso em: 4 jan. 2025.

FERNANDES, L. C. R. *et al.* Indução da lactação em mulheres nuligestas: relato de experiência. **Escola Anna Nery**, v. 26, n. 1, p. 1-7, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0056>. Acesso em: 9 fev. 2025.

FREIRE, F. **Abandono e adoção: contribuição para incentivo de adoção II**. 1. ed. Curitiba: Terre dês Hommes, 1994.

GONDIM, A. K. *et al.* Motivação dos pais para a prática da adoção. **Boletim de Psicologia**, v. 58, n. 129, p. 161-170, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200004. Acesso em: 2 fev. 2025.

GRADVOHL, S. M. O. *et al.* Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando Famílias**, 18. ed. São Paulo, p. 55-62, 2014.

LAGE, S. R. *et al.* Narrativa de vida de mulheres que amamentaram seus filhos adotivos. **Revista Rene**, v. 15, n. 2, p. 249-256, abr. 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/11610>. Acesso em: 5 jan. 2025.

LEVINZON, G. K. **Adoção – Coleção Clínica Psicanalítica: Casa do Psicólogo. Construção Psicopedagógica**, v. 13, n. 10, p. 1, jan. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542005000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 fev. 2025.

MOURA, S. M. S. R. de; ARAÚJO, M. de F. Maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, p. 44-55, 2004.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia e Sociedade**, 1. ed. São Paulo, p. 49-55, 2006.

NORA, A. C. A. de; DIAZ, K. C. M. O enfermeiro na promoção do aleitamento materno e os benefícios para saúde do bebê. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE**, v. 10, n. 11, p. 6725-6740, nov. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i11.17090>. Acesso em: 16 dez. 2024.

NUNES, B. R. da S. *et al.* Discursos de mulheres e de profissionais de saúde sobre amamentação adotiva. **JONAH – Journal of Nursing and Health**, v. 11, n. 2, p. 1987-2236, abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19281>. Acesso em: 23 jan. 2025.

SANTOS, A. A. *et al.* O papel do enfermeiro na prevenção do desmame precoce. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 2, p. e2232, 7 fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reaenf.e2232.2020>. Acesso em: 12 jan. 2025.

SCAVONE, L. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero**. 5. ed. São Paulo: Interface, 2001. p. 47-60.

VANALLI, A. C. G. Conciliação entre profissão, conjugalidade e paternidade para homens e mulheres com filhos na primeira infância. **Tese (Doutorado em Psicologia)** — Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Carlos, SP, v. 1, n. 1, p. 1-144, abr. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5975>. Acesso em: 12 jan. 2025.

WALSH, F. **Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI: processos normativos da família**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 3-27.